



*Com o poder da piedade
e uma coragem inabalável,
o Cardeal Wyszyński,
da Polônia comunista,
mantém cheias
as suas igrejas e fiéis
os seus seguidores*

Rochedo de Fé Num Mar Vermelho

ALEXANDER T. JORDAN

A PROCISSÃO começa às 11 horas, depois da missa solene na catedral. Dezenas de milhares de pessoas enchem as ruas ao longo do seu percurso; a enorme multidão está em silêncio e ordem, mas a tensão é crescente. À distância, surge uma centena de criancinhas vestidas de branco, espalhando flores que levam em cestos. Em seguida, vêm fileiras de acólitos conduzindo lâmpadas

das quais se elevam colunas de incenso, à frente de um baldaquim de brocado, que leva uma figura de cabelos grisalhos, nas suas vestes bordados os emblemas da Fé. Diante do seu rosto ele leva o sol flamejante de uma enorme custódia que contém a Hóstia Sagrada. É o Cardeal-Arcebispo celebrando Corpus Christi na capital da sua arquidiocese e do seu país.

À sua aproximação, pessoas caem

de joelhos. Um cantochão lento e sussurrado ergue-se da multidão, enchendo as ruas: «Louvado seja o Senhor na Santa Hóstia!»

E onde ocorre essa demonstração de uma Igreja triunfante em meio a um povo ferventemente devoto? Estaremos em Toledo? Será Siena, na Idade da Fé? Na realidade, o cenário é Varsóvia, em junho de 1971, e o homem sob o baldaquim é Stefan Cardeal Wyszynski, Arcebispo Metropolitano de Gniezno e Varsóvia, Primaz da Polônia. Mais surpreendente ainda, no meio do percurso da procissão ele pára e faz um discurso no qual critica o governo comunista do seu país.

«Meus filhos», diz ele, de uma forma que para alguns parece antiquada, mas que ele defende dizendo que sente-se realmente pai do seu rebanho, «como uma nação sob Deus, unida pelos laços da Fé, queremos trabalhar em paz para a satisfação das nossas necessidades. Essas necessidades são inúmeras e serão satisfeitas mais cedo, com mais eficiência e vontade, quando sentirmos que somos cidadãos cujos direitos elementares são compreendidos e respeitados, inclusive os direitos dos católicos na Polônia. Se a Igreja foi maltratada no passado, o primeiro passo para uma total normalização será a reparação desses erros e o fim às injustiças cometidas contra os fiéis!»

E a Igreja foi realmente maltratada. Quando os comunistas tomaram o poder na Polônia, depois da Segunda Guerra Mundial, seu obje-

tivo jurado era a extinção da fé religiosa. Como em toda a Europa oriental, começou uma era de perseguições. Num sistema em que o Governo controla toda a atividade econômica e — para o homem comum, talvez o mais importante de tudo — a distribuição de casas, as oportunidades dos comunistas eram sem limites. Violências foram cometidas contra religiosos e foram presos Mindszenty, da Hungria, Stepinac, da Iugoslávia, e Beran, da Tchecoslováquia, assim como foi preso Stefan Wyszynski. Em parte alguma a Igreja recuperou-se como na Polônia, onde hoje é mais forte que antes da guerra.

A personalidade e o grande sentido de vocação do Cardeal Wyszynski fazem a diferença. Nascido em 1901, na aldeia de Zuzela, na Polônia central, Stefan Wyszynski é filho de um organista de igreja. Aos cinco anos, disse a sua mãe: «Sonhei que estava casado e tinha família. Mas isto não pode ser. Eu tenho de ser *padre*!»

Um padre *polonês*, ele poderia ter acrescentado, como ardoroso patriota a vida inteira. Em 1909, quando a Polônia ainda estava dividida entre a Prússia, a Áustria e o Império Russo, havia no Parque Saski, em Varsóvia, um monte de pedras que os garotos russos e poloneses usavam nas suas brigas. Stefan era o líder dos poloneses. Improvisando uma bandeira com a sua camisa branca e uma gravata vermelha, cravava-a desafiadoramente no alto do monte de pedras — único

território polonês «livre» àquela época. Muito mais tarde, durante o Levante de Varsóvia, em 1944, ele orgulhosamente serviria como capitão da Resistência polonesa.

No começo, contudo, sua vocação sacerdotal esteve ameaçada por problemas de saúde. No seminário, durante a Primeira Guerra Mundial, contraiu tuberculose e não pôde ser consagrado com o resto da sua turma. Mas recebeu as ordens, finalmente, no seu 23.º aniversário, e celebrou sua primeira missa no Mosteiro-Seminário de Jasna Gora, perto de Czestochowa, repositório da adorada Madona Negra da Polônia. O Reverendo Wyszynski logo tornou-se um dos mais promissores intelectuais católicos do país; até ao presente, publicou cerca de 250 livros, ensaios e artigos.

Em 1946, foi consagrado Bispo de Lublin e, três anos mais tarde, Arcebispo de Gniezno (a mais antiga diocese polonesa, estabelecida em 966 d.C.) e Varsóvia. Quando foi feito cardeal, em 1953, a tensão entre a Igreja e o Governo era crescente, e o Regime não permitiu que ele fosse a Roma para as cerimônias de investidura.

Pouco depois, a polícia política apareceu em sua casa, em Varsóvia, e prendeu-o. O cão-pastor branco de Wyszynski, *Baca*, saiu em defesa do seu dono e mordeu um dos policiais. O cardeal imediatamente mandou que uma freira pensasse o ferimento, e em seguida foi levado, tendo por bagagem apenas um breviário e um rosário.

A fim de evitar que se comunicasse com o mundo exterior, levaram-no de uma ponta à outra do país, e esteve, sob forte guarda, em quatro prisões diferentes. Mas não foi esquecido pelo seu rebanho. Na celebração do Compromisso da Nação Polonesa — uma rededicação da Polônia à fé católica — centenas de milhares de peregrinos convergiram para Czestochowa. Muitos haviam *andado* centenas de quilômetros para chegar até lá. E ao pé do santuário estava o trono do Primaz, com apenas algumas rosas simbolizando o líder preso.

Em outubro de 1956, alguns meses depois das grandes manifestações contra o Regime, dois membros do Governo foram enviados ao cardeal prisioneiro. Pediram-lhe que retornasse a Varsóvia, e ele aceitou. O Governo tentou manter secreta a data da sua chegada à capital, mas a notícia espalhou-se e, na estação, uma multidão delirante estava concentrada para recebê-lo. Aos olhos da população de Varsóvia, o retorno de Wyszynski representava uma vitória da esperança de liberdade dos poloneses.

Desde então, o cardeal tem trabalhado incansavelmente para manter a Igreja viva e ativa. No ano seguinte ao da sua libertação, 1957, pronunciou 576 sermões e discursos. Ele trabalha diariamente nos escritórios da Arquidiocese de Varsóvia, num palácio do século XVIII onde tudo é calma e paz e apenas se vê, às vezes, uma figura de preto passando silenciosa. O próprio car-

deal se enquadra bem nesse cenário. De estatura mediana, magro e ereto, seus olhos de um azul metálico se destacam no rosto pálido. A serenidade é o seu traço marcante.

Embora o povo veja no seu cardeal sereno e enérgico um líder nacional, um homem que se identifica com a sua nação como De Gaulle se identificava com a França e Gandhi com a Índia, Wyszynski recusa qualquer papel na política secular. Por trás dessa atitude está a firme convicção de que, enquanto os governos humanos são transitórios, a Igreja é eterna. Em junho do ano passado, ele disse: «Não faremos concessões sobre a verdade e os direitos absolutos da Igreja, para obter vantagens a curto prazo... A Igreja dispõe de muito tempo... até ao fim do mundo.»

Como o descobriram os líderes comunistas poloneses, não é fácil vencer uma disputa política contra um homem que raciocina em termos de eternidade. Numa de suas histórias favoritas, o próprio Wyszynski alude a essa força. Quando a Polônia estava sendo invadida pelos nazistas, ele encontrou-se com uma unidade do Exército polonês numa estrada rural. Um soldado quis confessar-se, e eles se agacharam juntos num valo, ao lado da estrada superlotada, que era metralhada pela aviação alemã. Enquanto ouvia a confissão, o olho de Wyszynski foi atraído por um lavrador que calmamente trabalhava o seu campo, a apenas algumas centenas de metros do caos que era a estrada.

Mais tarde, foi até ao homem e perguntou-lhe: «Como é que você continua trabalhando, quando a guerra está por todo o lado e todo o mundo foge?» Ao que o lavrador respondeu: «Eu lavro e semeio. Se não colher, alguém colherá. Meu celeiro pode arder, mas a semente no solo estará segura e crescerá.»

Falando para jovens clérigos, recentemente, Wyszynski contou-lhes essa história e acrescentou: «Bombas caíam por todo o lado, os canhões troavam, mas ele continuava a trabalhar... Sejamos como ele, semeando a palavra de Deus nas almas humanas, como Cristo e seus apóstolos o fizeram.»

O próprio cardeal continuou a semear, enquanto perigosamente perto caíam as bombas de uma ideologia hostil. Numa aparição pública, durante uma crise entre Igreja e Estado, Wyszynski disse que falava para «fiéis e infiéis igualmente e para os que estão aqui cumprindo o seu dever» — numa alusão velada à presença de agentes secretos que estavam ali na esperança de apanhá-lo em algum pronunciamento «subversivo». Depois do serviço, enquanto atravessava a nave, abençoando a congregação, dois homens vestindo capas de chuva cintadas — evidentemente ali «cumprindo o seu dever» — aproximaram-se do Primaz. Curvaram-se para beijar-lhe a mão e um deles murmurou: «Perdoai-nos, Padre!» «Eu os abençoo, meus filhos», respondeu o cardeal.

Foi essa calma e essa fé inabalável

que deram força a Wyszynski durante os anos de perseguição. Hoje em dia, o Regime trata o cardeal com prudente deferência, embora continue perseguindo católicos praticantes. As pressões vão de cursos oficiais que ensinam o ateísmo a esforços de funcionários do P.C. para divulgar casos de mau comportamento por parte de padres, a fim de desacreditar a Igreja. Há também os pesados impostos, frequentemente mais do que as igrejas, isoladamente, estão em condições de pagar. Mas o cardeal, orgulhosamente, afirma que a Igreja polonesa, embora pobre de bens materiais, é mais rica em fé que a de muitos países. E, realmente, a maioria das igrejas polonesas estão cheias todos os domingos, e Wyszynski quer construir centenas de novos templos, 40 só em Varsóvia.

Até muitos membros da elite do P.C. mantêm laços clandestinos com a Igreja. Comunismo ou não, é sempre uma cerimônia religiosa que, aos olhos da maioria dos poloneses, valida um casamento. Funcionários do Governo, por exemplo, quando se casam, primeiro o fazem numa cerimônia civil pública, e em seguida providenciam uma cerimônia religiosa, em alguma igreja-jinha escondida.

Resultados? Nas 25 dioceses polonesas existem hoje 70 bispos, quase o dobro do que existia antes da guerra; nas suas 6.000 paróquias trabalham 17.000 padres, para os 13.000 de antes da guerra. Existem hoje 150 mosteiros e conventos,

com um total de quase 30.000 membros, e 25 seminários, embora os alunos não sejam isentos do serviço militar. Quando convocados, são postos em unidades especiais, onde são feitos todos os esforços para desviá-los de suas vocações — mas só uns poucos desertam.

As pressões ainda exercidas pelo Regime poderão vir a ser atenuadas por Edward Gierek, que assumiu a liderança do P.C. polonês em dezembro de 1970. Gierek afirmou que «fiéis e infiéis devem construir juntos a Polônia» e prometeu restituir à Igreja certas propriedades eclesiásticas confiscadas.

Sob Wyszynski e Gierek, a Polônia continua uma nação católica e comunista. Após mais de um quarto de século de, na melhor das hipóteses, uma coexistência inquieta, Igreja e Estado se encaminham agora para um relacionamento mais estável. Fala-se inclusive numa visita do Papa à Polônia.

Isto é tudo obra de Stefan Cardeal Wyszynski. Mas, embora coexistindo, ele tem demonstrado a falsidade da frase «melhor vermelho do que morto». Ele e o seu rebanho não são nem um nem outro, embora o comunismo domine o país. Espantosamente, Wyszynski e seus fiéis têm conseguido perseverar com um arsenal que não se mede em megatons: fé e coragem.

É algo que deve ser pensado, hoje, e não somente por católicos, não somente por trás da Cortina de Ferro, mas por líderes políticos e intelectuais do mundo livre.

Entre Aspas

HÁ MUITOS que preferem a felicidade à sabedoria, mas isso é o mesmo que desejar ser imortal sem envelhecer. — S. J. H.

TATO é aquela rara habilidade de ficar calado enquanto dois amigos discutem e você tem a certeza de que ambos estão errados. — H. A.

OS HOMENS que melhor sabem levar as mulheres são geralmente aqueles que melhor podem passar sem elas. — L. M.

NINGUÉM pode dizer que completou a sua educação se não aprendeu ainda a viver com um problema insolúvel. — E. J. K.

OS ESTADOS UNIDOS são um lugar onde, no Natal, comerciantes judeus vendem símbolos de amor budistas aos agnósticos. — J. B. B.

PODEMOS definir como excêntrico o homem que estabelece suas próprias leis e como maníaco aquele que, tendo estabelecido essas leis, exige dos outros que se submetam a elas. — L. K.

NÃO SE TRATA de quem vai atirar a primeira pedra, mas de quem vai começar a construir com ela. — S. W.

NO SISTEMA americano de livre empresa, se não tiver êxito da primeira vez, você coloca outra moeda e chuta o caça-níqueis. — G. E.

A PACIÊNCIA é a arte de esconder a impaciência. — F. P. J.

OS AMIGOS são geralmente do mesmo sexo, pois, quando homens e mulheres concordam entre si, é apenas nas conclusões; as suas razões são sempre diferentes. — G. S.

HÁ UM roubo sublime em todo o ato de dar. Alguém nos dá tudo o que tem, e nós lhe pertencemos. — E. H.

UM SÁBIO fez bem em lembrar-nos que, em qualquer controvérsia, no momento em que sentimos raiva já teremos deixado de lutar pela verdade e começado a lutar por nós. — Thomas Carlyle